AS PROFUNDAS RAÍZES DUMA MENSAGEM

por *Mons. Álvaro del Portillo*

Os chamados homens práticos não são os mais úteis à Igreja de Jesus, como também não o são os meros corifeus de teorias, mas sim os verdadeiros contemplativos, que possuem uma paixão lucidíssima e incansável: divinizar e transfigurar em Cristo e com Cristo toda a realidade criada. Não é paradoxal, portanto, afirmar que só a mística é verdadeiramente prática na Igreja de Jesus.

«Servir a Igreja sem servir-se dela», «Servir a Igreja como a Igreja quer ser servida»; foi esta a «paixão dominante» do Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer. O décimo aniversário do seu falecimento sugere-me estas considerações, que pretendem ser um sentido acto de gratidão filial e, ao mesmo tempo, a recordação — dirigida sobretudo a mim próprio — duma lição de fidelidade à Igreja, cheia de frutos que estão à vista de todos, e que testemunham que só quem procura o «êxtase», o sair para fora de si mesmo, gastando-se exclusivamente ao serviço de Deus e das almas, alcança a autêntica fecundidade de espírito.

O anelo do fundador do Opus Dei ficou esculpido num lema de ressonâncias hieráldicas: «Para servir, servir». Isto é, para sermos úteis, é preciso ter um espírito de serviço e demonstrá-lo com obras. A única honra que desejou sempre foi a de servir a Igreja; o direito de renunciar a todo o direito que não fosse o de se oferecer num holocausto contínuo de oração e de trabalho.

Somente serve o instrumento que, por muito modesto que seja, sabe tornar-se adequado ao fim. «Primeiro oração; depois, expiação; em terceiro lugar, muito em 'terceiro lugar', acção», escreve Mons. Escrivá de Balaguer (*Caminho*, n. 82). E precisamente esta imersão da contemplação na vida quotidiana, a busca constante da intimidade divina dentro do denso tecido do trabalho secular — característica principal da ascética do Opus Dei, que o servo de Deus gravou a fogo — é o que dá razão da sua pragmaticidade.

Para o fundador do Opus Dei, pioneiro da espiritualidade laical, o primeiro efeito da presença de Deus no âmbito laboral é o melhoramento da qualidade — também técnica — do próprio trabalho. Se há-de ser serviço vivo e concreto ao Corpo vivo de Cristo, há-de estar, antes de tudo, bem realizado: a improvisação, a frivolidade, o desleixo, o adiamento, hão-de repudiar-se sem medida, porque rebaixam a dignidade do serviço no que se concretiza toda a actividade laboral.

A finalidade sobrenatural não é, portanto, como um selo que adere externamente ao trabalho do homem e que transporta a mercadoria — sã ou avariada — ao seu destino sem ao menos a tocar, sem incidir na sua qualidade intrínseca. A contemplação corrige a acção todas as vezes que ela não atinge o nível da dignidade da pessoa humana ou da dignidade — ainda maior — dos filhos de Deus, ou quando não serve para a edificação do povo de Deus.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Esta fonte da qual mana o viver quotidiano do cristão e esta torrente na na qual ininterruptamente se banha o amor que procura o Amado pelas ruas e praças da cidade, pelos mares, terrenos de cultivo e cumes escarpados, dilatam a mente e o coração, e fazem-nos aspirar o ar livre dum fervoroso *sentire cum Ecclesia*. Poucas coisas aborrecia o fundador do Opus Dei como a miopia daquele que não vê para além dos próprios interesses, a mesquinhez do individualismo e do aburguesamento, o raquitismo do espírito de corpo. «Não façais 'capelinhas' dentro do vosso trabalho. Seria apoucar os apostolados, porque, se a 'capelinha' chega, por fim, ao governo duma empresa universal... que prontamente a empresa universal acaba em 'capelinha'!» (*Caminho*, n. 963).

Somente a alma contemplativa sabe vibrar continuamente em uníssono com toda a Igreja e, portanto, consegue responder de modo preciso — e segundo a própria vocação — a cada um dos serviços que o requerem. E somente ela adverte, pela própria experiência, que o Espírito «sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai»(Jo 3,8), e conhece também que neste mundo de enredos e de relativismo, há um só lugar do qual se pode sempre afirmar e com absoluta certeza «aqui está o Espírito de Jesus»: na Igreja. *Ubi ecclesia, ibi Spiritus Domini; ubi Spiritus Domini, ibi ecclesia et omnis gratia* (Santo Ireneu), onde está a Igreja, aí está o Espírito do Senhor; onde está o Espírito do Senhor, aí está a Igreja e toda a graça.

Por esta razão, os que são movidos pelo Espírito Santo a realizar um projecto divino, *currunt ad Ecclesiam*, correm para a Igreja, para dizê-lo também com palavras de Santo Ireneu: a certeza interior do específico da própria chamada tem o selo do autêntico carisma, somente se ele está convencido de que quando se actua na Igreja e com a Igreja, se está a viver e a actuar com o Espírito de Deus.

Monsenhor Escrivá teve, desde o dia 2 de Outubro de 1928, a certeza absoluta de que o Opus Dei era verdadeiramente de Deus, «um mandato imperativo de Cristo». A teologia ascética e mística conhece estas luzes íntimas — toques, iluminações, locuções interiores — que nada nem ninguém poderia conseguir perturbar. Contudo, mesmo tendo visto a vontade de Deus sobre o Opus Dei — missão confiada exclusivamente a ele —, procurou desde o princípio estar muito unido à hierarquia da Igreja; não quis dar passo algum sem a sua aprovação e bênção, estabeleceu normas precisas para que em toda a parte e também no futuro, a Obra procedesse em íntima união de propósitos com as igrejas particulares. Afirmava com desconcertante simplicidade que amava o Opus Dei na medida em que servisse a Igreja. Quantas vezes lhe ouvi exclamar: «Se o Opus Dei não serve a Igreja, não me interessa».

Deus exige, às vezes, aos grandes fundadores o sacrifício de Abraão. Toda a vida gasta e concentrada num único filho no qual se cumpre a promessa recebida: chegar a ser pai dum grande povo, mais numeroso que as estrelas do céu e os grãos de areia do deserto... e, de repente, o próprio Deus requisita o oferecimento, o holocausto. Dois momentos na vida do fundador do Opus Dei puseram à prova o seu espírito sobrenatural, de pura fé, precisamente em relação a este servir a Igreja, pedra de toque da alma verdadeiramente cristã que, segundo Santo Ambrósio, é sempre uma «alma eclesiástica».

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

A primeira destas duras provas teve lugar em Madrid na quinta-feira 22 de Junho de 1933, véspera do Sagrado Coração. A nota manuscrita na qual ele mesmo a referiu transmite, pela sua imediatez, o calafrio da verdade: «Só, numa tribuna desta igreja do Perpétuo Socorro, procurava fazer oração diante de Jesus Sacramentado exposto na Custódia, quando, de repente e sem se chegar a concretizar razão alguma — não as há —, veio à minha consideração este pensamento muito amargo: 'E se tudo é mentira, ilusão tua, e perdes o tempo ... e — o que é pior — fazes perdê-lo a tantas pessoas?'.

Foi questão de segundos, mas como se sofre! Então, falei a Jesus, dizendo-Lhe: 'Senhor, se a Obra não é tua, destroi-a; se é, confirma-me'.

Imediatamente não só me senti confirmado na verdade da sua vontade sobre a sua Obra, mas vi com clareza um ponto da organização que até ao momento não sabia de modo algum solucionar».

A segunda prova é semelhante à anterior, e enquadra-se no meio duma tempestade desencadeada contra o fundador e contra o Opus Dei, nos princípios dos anos quarenta. Pode dizer-se que a Obra acabava de nascer canonicamente, uma vez que o Bispo de Madrid tinha concedido a primeira aprovação escrita em 19 de Março de 1941, precisamente com a intenção de travar a penosa campanha que pretendia desacreditar o Opus Dei também em Roma. Em 25 de Setembro de 1941, o servo de Deus encontrava-se em La Granja de Santo Ildefenso (povoação vizinha de Segóvia). Estava exausto; aos sofrimentos ocasionados por esses lamentáveis acontecimentos juntava-se a fadiga pelo seu apostolado ao longo e ao largo de Espanha, pregando retiros espirituais para o clero e lançando a semente da Obra nos ambientes mais diversos. Naquele dia escreveu-me uma carta, da qual cito alguns parágrafos significativos:

«Jesus te me guarde, Álvaro.

(...) Ontem celebrei a Santa Missa pelo Ordinário do lugar, e hoje ofereci o Santo Sacrifício e todo o dia pelo Sumo Pontífice, pela sua Pessoa e intenções. Por certo que, depois da Consagração, senti um impulso interior (seguríssimo, ao mesmo tempo, de que a Obra há-de ser muito amada pelo Papa) de fazer algo que me custou lágrimas: e, com lágrimas que me queimavam os olhos, olhando Jesus Eucarístico que estava sobre o corporal, com o coração disse-Lhe de *verdade*: 'Senhor, se Tu o quiseres, aceito a *injustiça*'. A *injustiça* já imaginas qual é: a destruição de todo o *trabalho de Deus*. Sei que Lhe agradei. Como ia negar-me a fazer esse acto de união com a Sua Vontade, se mo pedia? Já noutra vez, em 1933 ou 1934, constando-me o que só Ele sabe, fiz outro tanto.

Meu filho: que formosa messe nos prepara o Senhor, quando o nosso Santo Padre nos conhecer *de verdade* (não por calúnia) e saiba que somos — tal como somos — seus fidelíssimos e nos abençoe! Dá-me vontade de gritar, sem me importar do que venham a dizer, esse grito que, às vezes se me escapa quando vos faço a meditação: Ai, Jesus, que trigal!».

O amor à Igreja e ao Papa sustentou-o, e imprimiu na sua alma uma confiança indestrutível nos momentos mais difíceis. Oferecia em cada dia a sua vida — «e mil vidas que tivesse», acrescentava com frequência — pela Santa Igreja e pelo Santo Padre. Seguindo o seu exemplo, nestes dez anos decorridos desde a

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

sua morte, muitas almas de tantos países e culturas diversas procuraram também, no desejo de consumar a sua própria existência servindo incondicionalmente a Esposa de Cristo, a força para não pôr limites ao sacrifício de si mesmos, realizando o trabalho de cada dia com o sorriso nos lábios. As palavras para a devoção privada do servo de Deus exprimem eficazmente esta aspiração: «fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e simplicidade, a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor».

Traduziu F. S.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei